



Rogério Verzignasse rogeria.verzignasse@rac.com.br

baú de histórias

INVENTOR || AVENTUREIRO

Águas, índios e onças na rota do gênio

Há 140 anos, Campinas sepultava Hércules Florence, um pioneiro da fotografia no mundo

Há 140 anos — mais precisamente no dia 27 de março de 1879 —, a família e os amigos íntimos sepultavam o corpo de Antoine Hercule Romuald Florence. Francês de nascimento — e aqui por Campinas conhecido como Hércules Florence —, o cidadão foi um dos pioneiros da fotografia no mundo.

Face aventureira do inventor ainda é desconhecida

Bem antes do francês Daguerre ou do inglês Talbot com seus inventos registrados e reconhecidos, Florence desenvolveu técnicas para fixação de imagem trabalhando em um laboratório improvisado em casa, ali na atual Rua Barão de Jaguara, bem de frente à Praça Bento Quirino.

Sem apoio algum para investir em pesquisa, Florence por muito tempo foi ignorado pela comunidade científica mundial. Ele mesmo reclamou demais de não ter reconhecimento algum por aqui.

O fato é que o rapaz era fora de série. E muito mais que um inventor. Muitos campineiros das novas gerações, aliás, não sabem dizer quem foi e o que fez o gênio. E ele nem é tema de aulas de história na rede.

Florence foi um aventureiro. Como poucos. Com apenas 16 anos, por exemplo, ele trabalhou como grumete: ajudava marinheiros na limpeza de navios, mundo afora. Por conta disso aportou no Brasil, e nunca mais saiu daqui.

No Rio, ele ganhou a vida como caixa, balconista, livreiro, tipógrafo. E dava show no que mais gostava de fazer: desenhar.

A expedição

O talento lhe rendeu um contrato de trabalho espetacular. Por meio de um anúncio no jornal, ele ficou sabendo de uma expedição científica que precisava de desenhistas para documentar a viagem. Eles precisavam de um relato ilustrado dos rincões mais afastados do Brasil.

A expedição foi organizada por um naturalista alemão, o Barão Georg Heinrich von Langsdorf, pantanal e Amazônia adentro.

Entre 1825 e 1829, os pesquisadores percorreram 13 mil quilômetros de chão. E a documentação iconográfica detalhou rostos, roupas, rios, cascatas, plantas, animais. O trabalho, de rigor científico, por décadas e décadas orientou o trabalho de antropólogos e etnógrafos. O Brasil das águas, dos índios e das onças era apresentado ao planeta.

A luz

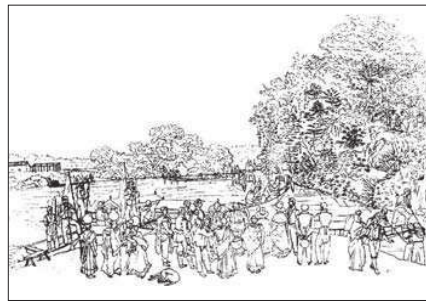
De volta a Campinas, Florence não deixou de ser artista. E se dedicou a encontrar uma maneira inventiva de impressão e gravura de seus estudos. Para ganhar a vida, naquele tempo, ele trabalhava como balconista de uma loja. E foi lá que ele se meteu em uma nova — e mais importante — aventura.

Notou que os tecidos expostos à luz do sol desbotavam. E conheceu as propriedades do nitrato de

AS IMAGENS



Fotos: Reprodução



O inventor documentou em gravuras episódios da histórica expedição que vasculhou os rincões mais afastados do País; os pesquisadores embarcaram em Porto Feliz e percorreram 13 mil quilômetros, Pantanal e Amazônia adentro, registrando paisagens e hábitos populares

prata nas conversas com um grande amigo, o boticário Joaquim Correia de Melo.

Pronto. Curioso, desenvolveu a técnica inédita de fixação da imagem com a ajuda da luz, usando uma câmera escura. Produziu a fotografia antes de todo mundo. Mas não tinha dinheiro para aprimorar o invento, nem a ajuda de quem o divulgasse.

Os resultados das pesquisas do francês Daguerre, por exemplo, foram publicados depois. A diferença é que Daguerre

morava em Paris. Cidade onde os jornais eram fortes, onde se investia em pesquisa e educação, onde os cientistas se encontravam.

A contribuição de Florence, por conta disso, foi relegada ao esquecimento, até que a descoberta de alfarrábios manuscritos, quase um século depois, detalharam o invento que brotou na salinha da atual Rua de Jaguara. A notícia correu o mundo, e a comunidade científica reconheceu o pioneirismo do inventor.

“Estou certo que, se estivesse em Paris, um único de meus descobrimentos poderia suavizar-me a sorte e ser útil à sociedade. Lá, talvez não me faltassem pessoas que me ouviriam. Estou certo de que o público, o verdadeiro protetor dos talentos, me compensaria de meus sacrifícios.”

HÉRCULES FLORENCE

Anotação coletada de escritos pessoais

VALE CONFERIR

Hércules Florence - No caminho da Expedição Langsdorf tem sido exibido no Brasil pelos canais pagos da rede BBC e reprisado com frequência. Vale olhar a grade de programação e conferir a produção primorosa. O livro escrito por Adriana Florence, *No Caminho da Expedição Langsdorf - Memória das águas*, indicado ao Prêmio Jabuti, pode ser encomendado pelo telefone (11) 3875-7360 ou mensagem in box. O contato com a artista pode ser feito pelo WhatsApp (11) 96336-0935

OUTRA OBRA

Uma outra importante obra sobre a carreira do inventor — *O viajante Hércules Florence - Águas, Guandês e Guarandês* — escrita por Dayz Peixoto Fonseca, também é uma fonte obrigatória de informações para pessoas interessadas sobre a história da Expedição Langsdorf. O livro conta com cem gravuras sobre a paisagem brasileira e sua gente, assinadas pelo desenhista. A obra pode ser adquirida por meio das páginas virtuais das livrarias e tem um preço médio de R\$ 50,00.

Inventor é reverenciado no Exterior

Se até hoje os campineiros ainda devem aplausos ao inventor, lá fora a situação é bem diferente. A reverência a Hércules Florence é explícita em produções de filmes e audiovisuais exibidos por conglomerados gigantes da comunicação da Europa e dos Estados Unidos. O documentário *Hércules Florence - No caminho da Expedição Langsdorf* já foi exibido pela BBC de Londres e pelo *Discovery Channel*, por exemplo.

A produção, que escancara o gênio inventivo do cidadão, teve a direção de Maurício Dias e o roteiro do inglês Steve Bowles. A protagonista do documentário é Adriana Florence, tataraneta de Hércules, que hoje preserva no próprio ateliê de artes, na Capital, documentos e ilustrações do ancestral famoso. Procurada pela reportagem do *Correio*, Adriana contou que participou do documentário nos anos que antecediam as comemorações pelos 500 anos do Brasil. Depois de 174 anos, ela retez parte do roteiro do tataravô inventor, navegando 6 mil quilômetros de rios brasileiros, ao lado da equipe de cinema.

A nova expedição — um sonho acalentado ao longo de oito anos — rendeu um filme e um livro. Ao longo da década seguinte, a produção se tornou matéria de destaque em emissoras brasileiras de TV no Brasil e no planeta todo.